

A BRIGA DO RAPA COM O CAMELÔ

Gonçalo Ferreira da Silva

3ª edição



A BRIGA DO RAPA COM O CAMELÔ

Gonçalo Ferreira da Silva

Severino Cana Brava
natural de Itabaiana
na Paraíba do Norte
é um sujeito bacana
mas deixando o velho norte
para tentar melhor sorte
por pouco não entra em cana.

Severino era um sujeito
querido em todos os cantos,
deixava as "gatinhas" tontas
com galanteios e encantos.
Severino Cana Brava
quando falava lembrava
um futuro Sílvio Santos.

Assim foi fácil ele mesmo
descobrir que no chão duro
do sertão da sua terra
não tinha nenhum futuro.
Numa noite de verão
arrumou o matulão
saindo ainda com escuro.

Chegando ao Rio de Janeiro
foi trabalhar de ajudante
de pedreiro numa obra
mas pensava todo instante:
quando eu tiver boa quantia
vou comprar mercadoria
pra trabalhar ambulante.

Com pedaços de sarrafos
fez uma banca, ligeiro,
quando recebeu na sexta-
feira o primeiro dinheiro
o machão de Itabaiana
chegando em Copacabana
instalou seu tabuleiro.

Um camclô perto dele
já na profissão antigo
disse: — Na arte eu sou velho
e agora sou seu amigo,
entendo muitos assuntos
e nós trabalhando juntos
não conhecemos perigo,

Severino Cana Brava
disse: — É o seguinte, irmão,
não vim aqui pra dar mole,
sou natural do sertão,
eu não dou rasteira em sapo
e você, pelo seu papo
é da mesma opinião.

Eles vendiam baralhos
da marca "Sarapati"

– Um é cem, três é duzentos,
um pro cavalheiro aqui,
um pra moça da revista,
o da camisa de lista
está pedindo um ali.

Formou grande multidão
em torno do vendedor,
por sentir reconhecidos
seu talento e seu valor
Severino repetia:

– Meu povo, a mercadoria
dá pra todos, por favor.

Sabendo que amanhã
seria um belo domingo,
e como a mercadoria
de fato já estava um pingo
fez sinal para o parceiro
que fosse muito ligeiro
pegar baralho no gringo.

O camelô falou logo
com o gringo no sobrado
que os baralhos que eles
à praça tinham levado
não foram suficientes
para atender os clientes
tinha o estoque esgotado.

Bolsas de supermercados foram providenciadas depois, cuidadosamente a Severino enviadas enquanto ele na praça brincava e fazia graça com lorotas e piadas.

Na primeira carta, tinha uma moça bem vestida na outra, só de bermuda, na outra, logo em seguida que era a terceira carta só de biquini, e, na quarta completamente despida.

Era aquilo, exatamente, que o pessoal gostava, quanto mais abria as cartas mais emoção encontrava, mostradas pelo artista e grande propagandista Severino Cana Brava.

A Praça dos cearenses ou Cerzedelo Correia, reduto dos nordestinos encontrava-se tão cheia que não tinha quem julgasse que aquilo terminasse numa batalha tão feia.

Um camelô carioca
bem conhecido na Lapa
disse para um vendedor
de aluá e garapa:
- Seguinte, meu companheiro
arruma teu tabuleiro
porque aí vem o "rapa".

A notícia que o "rapa"
chegou foi tomando vulto,
Severino disse logo
já no meio do tumulto:
- O maldito deste "rapa"
hoje vai entrar no tapa,
pra casa eu não levo insulto.

Quando o "rapa" aproximou-se
foi declarando arrogante:
- Não permito mais na praça
qualquer tipo de ambulante
ainda mais camelô
que quer criar bololô
se fazendo de importante.

... Vamos lá arruma as malas,
acabou-se a brincadeira,
a sua mercadoria
e também sua carteira
estou no firme propósito
de levá-las pro depósito
lá na Praça da Bandeira.

Severino calmamente disse: — Vossa senhoria já acabou de falar? disse tudo o que queria? queira, pois acreditar que o senhor não vai levar a minha mercadoria.

O "rapa" ao ouvir aquilo consultou seu ajudante, a multidão ensaiou vaia desmoralizante mas o "rapa" também era uma verdadeira fera e falou desafiante.

— Meus punhos até aqui têm sido compreensivos pois não atenderam ainda aos impulsos instintivos prestem homenagem a eles pois graças à calma deles vocês continuam vivos.

Severino Cana Brava tomou uma decisão: — Senhores que estão presentes sou um homem do sertão, sou pau pra todo instrumento deixem que só eu enfrento este "rapa" valentão.

Dizendo isto, com o dedo grande do pé chegou junto ao chão e fez logo um risco dando por findo o assunto:
– Deste risco para lá és homem e dele pra cá um miserável defunto.

O “rapa” apagou o risco sem temer qualquer perigo e pentrou frontalmente no terreno do inimigo. Ouviu-se de Severino um palavrão nordestino que não se diz com amigo.

Os dois ali se agarraram com o maior desatino todos querendo a vitória do camelô nordestino. O ajudante, coitado também se viu obrigado a torcer por Severino.

Um detalhe curioso: ninguém queria apartar pois todos queriam ver a luta continuar enquanto os que duelavam também não manifestavam vontade alguma em parar.

O rosto do "rapa" estava
 ensanguentado demais,
 e recebia uma chuva
 de pontapés magistrais,
 a camisa era uma tanga,
 a calça uma ciricanga
 que já não prestava mais.

Quando o "rapa" despertou
 do castigo recebido
 estava num hospital
 tão mortalmente ferido
 que da enfermeira indagou:
 - Que dia é hoje? Onde estou?
 que ano fui socorrido?

Dois anos depois o "rapa"
 teve recuperação
 e logo se dirigiu
 à sua repartição.
 Para evitar pior mal
 nunca mais quis ser fiscal
 solicitou demissão.

Severino Cana Brava
 tranquilo bebia garapa.
 Na feira de São Cristóvão,
 com um camelô seu chapa,
 comia churrasco no espeto
 enquanto lia o folheto
 da briga dele com o "rapa".

9533



GONÇALO FERREIRA DA SILVA

DUZENTOS TÍTULOS PUBLICADOS

***UM MILHÃO
DE EXEMPLARES
VENDIDOS
EM TRÊS
CONTINENTES***

Tel.: (0xx21) 2232-4801

